Tecnologia musical no Ensino Médio e a filosofia do aikido.

Saint-clair Rodrigues Nogueira Filho
UNESP - Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" - saint.nogueira@gmail.com

Resumo: O presente texto, dentro de uma linha de pesquisa transdisciplinar, busca investigar como o ambiente de ensino-aprendizagem do Aikido influenciou as ações docentes em uma proposta de educação musical no Ensino Médio, cujo foco foi o uso criativo da tecnologia musical. A pesquisa sublinha a importância do Aikido como ferramenta capaz de auxiliar o educador musical na leitura da movimentação humana que caracterizam sua prática.

Palavras-chave: Tecnologia musical, Aikido, Educação musical.

Music technology in high school and the philosophy of Aikido.

Abstract: This paper, in a trans disciplinary research thinking, aims to investigate how the practice of Aikido influenced the way of teaching in a high school music education environment, focusing on the creative use of the music technology tools. This research emphasizes the use of Aikido as a tool that enables the music educator to better understand the human movement that constitutes its practice.

Keywords: Music technology, Aikido, Music education.

1. Introdução

Este relato faz parte de um trabalho de conclusão de curso na área da educação musical que visa analisar uma experiência na área da educação musical desenvolvida para alunos do Ensino Médio na E.E. Professor Alberto Levy.

Após uma breve descrição da experiência, será proposto um recorte específico sobre a abordagem pedagógica usada em minhas ações, que teve como base a filosofia do Aikido, uma arte marcial japonesa.

2. A escola

A Escola Estadual Professor Alberto Levy foi criada em 1952 (Lei 2030 de 24.12.52)[1] e situa-se na Avenida Indianópolis número 1570, no bairro do Planalto Paulista. Faz parte da Diretoria de Ensino Centro-Oeste, em São Paulo, capital.

No ano de 2011 atendeu a 1.289 alunos do Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries, matutino e vespertino) e a 287 alunos de EJA (presencial, 1º, 2º e 3º termos, noturno)[2]. Teve uma taxa total de reprovação no Ensino Médio de 27.4% e 0.7% de abandono. No Enem de

1 Fonte: Relato de ex-aluno, disponível em: http://daviwirkus.sites.uol.com.br/alberto.html
2 Segundo dados do Data Escola Brasil, do INEP, disponível em: http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil

2012 obteve uma média total de 551.96 com uma taxa de participação de 29% (grupo 3), de 297 alunos matriculados no último ano do Ensino Médio[3].

3. O projeto

A E.E. Prof. Alberto Levy é atendida desde 2010 pelo Núcleo de Ensino da UNESP, gerenciado pela Pró-Reitoria de Ensino (PROGRAD) e coordenado pela Prof.ª Iveta Maria Borges Ávila Fernandes, dentro do Projeto Caminhos da Educação Musical no Ensino Médio.

O projeto que desenvolvi como pesquisa experimental de campo foi aplicado de forma paralela às aulas de música do núcleo (ministradas por 4 bolsistas), de agosto a novembro de 2011, com um grupo de aproximadamente 24 alunos voluntários oriundos de duas turmas de segundo ano, G e E. O 2º ano G tinha aulas de música (que aconteciam em um esquema de revezamento com as aulas de arte) das 07:50 às 08:40, e cedia 12 alunos para minha dinâmica, em dois grupos de 6 alunos que tinham 25 minutos de aula cada, em outra sala de aula usada exclusivamente para este fim. O 2º ano E tinha aulas de música das 08:40 às 09:30 e cedia os alunos dentro da mesma lógica.

Esta proposta denominada "Projeto de Produção Musical" foi organizada por mim e pela bolsista Márcia Silvia (responsável pela mediação da proposta com as classes, a escola e a professora de arte). As aulas de produção eram dadas por mim uma vez por semana, com uma carga horária total ao final do projeto de aproximadamente 30 horas.

O foco do projeto foi propor a este grupo de alunos um contato com a tecnologia musical e com uma forma diferente de fazer e aprender música. Para isso, na sala de aula era montado um mini-estúdio, com equipamentos de gravação digital e instrumentos[4] (todos de minha propriedade, com exceção de um aparelho de som, cedido pela escola, e de um teclado, cedido por Márcia Silvia).

---

3 Dados disponíveis em: http://sistemasenem2.inep.gov.br/enemMediasEscola

4 A lista completa destes equipamentos está disponível em: http://producaolevy.wordpress.com/equipamento



Figura 1: Sala de aula, como geralmente era montada.

4. Dinâmica de ensino

O foco do projeto foi proporcionar aos estudantes um contato com as ferramentas da tecnologia musical, pesquisando técnicas de gravação, edição e manipulação do som. A dinâmica visava estimular um processo de aprendizado musical através da tecnologia. Para isso, na sala de aula era montado um mini-estúdio com equipamentos de gravação digital e instrumentos[1] (todos de minha propriedade, com exceção de um aparelho de som, cedido pela escola, e de um teclado e uma estante de microfone, cedidos por Márcia Silvia).

Os grupos foram convidados a escolher uma música[6] para que pudéssemos construir um novo arranjo usando as ferramentas disponíveis e incorporando as referências de todos os membros do grupo. Este processo deveria partir dos alunos, sob minha orientação. Além dos equipamentos e dos aparelhos usados pelos alunos (celulares, mp3 *players*, etc), usamos um site[7], construído por mim especialmente para o projeto, contendo o histórico de todas as aulas, além de todos os arquivos de audio e vídeo que pudessem servir de apoio à prática. O site servia de apoio na execução de tarefas que eram delegadas aos alunos,

1 A lista completa destes equipamentos está disponível em: http://producaolevy.wordpress.com/equipamento
6 As músicas escolhidas foram: "Quando crescer" (Fresno), "Só hoje" (Jota Quest), "Who's laughing now" (Jessie J.) e "Just a dream" (Nelly).
7 http://producaolevy.wordpress.com/

geralmente tarefas de escuta e de estudo do material gravado em aula, para aprimoramento e regravação, ou para pesquisa de novos elementos no arranjo.

O único evento fora da escola foi a última aula do curso, que aconteceu em um estúdio[8] de ensaios e gravações, com todo o equipamento normal das aulas (com a adição de um contrabaixo elétrico), mais os disponibilizados pelo estúdio (microfones, caixas de som, mesa de som e bateria) .



Figura 2: Aula no estúdio

Ao final do curso, estava prevista a gravação de um CD contendo as músicas trabalhadas em aula. Mas, por motivos pessoais de saúde, esta etapa não foi concluída antes que o ano letivo terminasse. E assim, as músicas finalizadas foram disponibilizadas para download no site em dezembro de 2011.

4. Uma abordagem na educação musical, segundo o aikido

Para discorrer sobre a abordagem pedagógica que norteou esta experiência educacional é preciso entender o conceito de transdisciplinaridade, segundo Maria Cândida Moraes:

8 http://http://www.estudioprodussom.com.br/

> Pluri ou multidisciplinaridade é a justaposição de várias disciplinas sem nenhuma tentativa de síntese. A interdisciplinaridade, segundo Pierre Weil, trata da síntese de duas ou mais disciplinas, transformado-as num novo discurso, numa nova linguagem e em novas relações estruturais. A transdisciplinaridade seria o reconhecimento da interdependência entre vários aspectos da realidade. E a consequência normal da síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade bem-sucedida. Para Baserab Nicolescu, citado por Roberto Crema (1989), a finalidade da transdisciplinaridade não é evidentemente, a de construir uma nova utopia, um novo dogma na pesquisa do poder e da dominação. Como toda ciência, a nova transdisciplinaridade não veiculará certezas absolutas, mas, pelo questionamento do real, levará à elaboração de uma abordagem aberta, em permanente evolução, que se nutrirá de todos os conhecimentos humanos e recolocará o homem no centro das preocupações. (MORAES, 1997: p.182)

Portanto, o olhar transdisciplinar sobre a educação musical através do Aikido é uma pesquisa, antes de tudo, sobre como os elementos integrantes do processo educacional se movimentam e interagem, pois o Aikido é, essencialmente, uma arte que é estudada pelo movimento e pela interação.

Para analisarmos melhor a forma como duas dinâmicas aparentemente díspares se relacionam (a educação musical e o Aikido) é preciso termos em mente que toda situação de ensino aprendizagem é basicamente uma situação de interação e movimento (interno e/ou externo, mental e/ou corporal). Alunos e professores se movimentam e interagem das mais variadas maneiras, em fluxos contínuos que se valem do corpo como ferramenta principal.

O Aikido é uma arte marcial japonesa, não competitiva, criada na primeira metade do século vinte por um artista marcial chamado Morihei Ueshiba. Seu conceito é não agressivo, ou seja, sua técnica é focada na defesa e a lógica dos seus movimentos é baseada no conceito de fluidez e não atrito. Ou seja, estudar a aplicação do Aikido na educação musical é pesquisar a fluidez nas situações de ensino aprendizagem de música.

Segundo Koellreutter, para vislumbrar uma educação musical coerente,

> Um dos principais pontos seria uma visão de mundo em que “tudo flui”. Tudo que não se renova, que não contribui para a inovação do pensar, da sensibilidade e da consciência é contraproducente. O artista tem que aprender a contribuir com o fluxo constante das coisas e não frear aquilo que no fundo é a natureza da existência. (KOELLREUTTER, 1997: p.132)

Na minha leitura, a melhor maneira de atuar com fluidez foi trabalhar a partir da escolha de repertório dos alunos. E a partir disso, buscar a expansão do conhecimento musical. O professor, em tese, é aquele que atua no sentido de fazer fluir o aprender, conduzindo o estudante a uma condição de harmonia com o conhecimento.

O Aikido é praticado em duplas, onde um parceiro (*uke*, em japonês) desfere um ataque e o outro (*tori*) aplica uma técnica de defesa. O objeto desta dinâmica não é subjugar o oponente, mas conduzi-lo com segurança a uma situação de harmonia: se trata de transmutar agressividade em paz. Para isso, aceitamos o ataque do parceiro e não rivalizamos sua ação. Não é oferecida resistência de qualquer espécie na movimentação de defesa: ao se esquivar, o *tori* se movimenta da forma mais fluida possível, aproveitando a energia do movimento de ataque. Ou seja, tendo este pensamento como base, não ofereci nenhum tipo de resistência à escolha de repertório dos alunos. Nesta movimentação, a situação de harmonia que almejamos é um desejo de pesquisa em relação ao repertório, onde professor e aluno trabalham colaborativamente e naturalmente para fazer surgir uma atitude criativa em relação ao material musical, em direção à expansão do conhecimento.

Outro ponto interessante na prática do Aikido é que todos aprendem juntos: não há necessariamente uma relação hierárquica fixa entre o nível de conhecimento dos praticantes iniciantes e os experientes. Mitsugi Saotome, um experiente mestre (*sensei*), esclarece:

> Quando dou uma aula, costumo enfatizar um determinado movimento ou sentimento, ou uma forma diferente de ver a técnica. E muitas vezes, observando os alunos a praticar, descubro que os principiantes são os que realmente tomaram consciência do ponto que demonstrei e tentam executá-lo. Os mais avançados lidaram com a técnica tantas vezes, e não raro estão tão carregados de preconceitos a respeito dela, que se esqueceram de como ver. As suas mentes estão repletas do ontem, obnubiladas de lembranças e ideias próprias. Eles olham, mas não vêem. Esqueceram o princípio básico da vida. (SAOTOME, 2005: p.248)

Ou seja, o aluno não é aquele que só aprende: ele também ensina, porque tem a capacidade de trazer uma visão renovada da realidade. Traduzindo para o trabalho desenvolvido no Levy, os alunos trouxeram referências musicais desconhecidas por mim. Eu, como educador musical, preciso dialogar com esta realidade. E uma simples forma de aprender, neste caso, foi deixar que os alunos me ensinassem.

No Aikido, todos aprendem juntos, não importa o nível de conhecimento que se tenha. E esta é uma relevante mensagem para a educação escolar, de que o conhecimento do outro não é rivalizante: ele é um degrau para que o próprio conhecimento se expanda, através de uma atitude humilde, interessada e atenta. Este tipo de atitude colaborativa rendeu dados positivos na pesquisa desenvolvida no Levy, como o contato constante dos alunos através do site e por e-mail (algo praticamente inexistente nas dinâmicas escolares habituais) e a troca de referências musicais.

Obviamente, esta abordagem educacional pode criar momentos de conflito ou apatia, porque infelizmente a atitude condicionada do aluno de Ensino Médio não é ativa em relação à escola e ao processo educacional em si. De certa forma, para o estudante, participar da própria educação significa compactuar com um sistema com o qual ele mantém sérias discordâncias. O aluno é sempre cobrado e repreendido quando não corresponde, em um fluxo quase ininterrupto de ações e reações que é pouco permeado por reflexões e regido pelo signo da hierarquização, onde o professor é sempre aquele que sabe o caminho. Então, trabalhar com um conceito de fluidez na educação musical é admitir que o conflito é uma força criativa. E é deste momento crítico que surge o redirecionamento para as ações educativas. O caos é uma força que conduz à auto-organização. Segundo Teca Alencar de Brito,

> Trabalhar em contextos em que o currículo seja entendido como estrutura aberta, flexível e dinâmica implica reconhecer que todos os fenômenos da natureza estão num processo contínuo, que existe um princípio de auto-organização na natureza e que organizações complexas surgem em decorrência do caos, incluída a existência de processos aleatórios que já não podem conceber que leis de causa e efeito conduzam o comportamento humano. (BRITO, 2011: p.34)

Este tipo de abordagem leva o educador a repensar as bases de sua prática, incorporando o imprevisto não como erro procedimental, mas como uma força poderosa capaz de fundamentar o processo cognitivo segundo as demandas da realidade. É crucial fazer uma leitura criativa dos momentos de embate e agir de forma natural para suprir uma vontade de conhecer e pesquisar. Segundo Maria Cândida Moraes,

> Num sistema educacional aberto o professor aceita o indeterminado, as incerteza, e aprende a conviver com tudo isso. Replaneja com base no inesperado, encoraja os diálogos na tentativa de evitar que o sistema se feche sobre si mesmo. É um professor aberto à comunicação, à dança do pensamento, e que garante o movimento, o fluxo de energia e a riqueza do processo pela manutenção do diálogo, da reflexão recursiva do pensamento, de suas idas e vindas, propondo situações-problema, desafios, conexões entre o conhecido e o pretendido. (MORAES, 1997: p.100)

Somos levados a refletir que o mundo é regido pelo signo da mudança. No Aikido, por mais que uma determinada técnica tenha uma forma pré-definida, ela vai ganhar contornos únicos toda vez que é praticada, porque cada parceiro tem um corpo diferente e se movimenta de forma diferente no espaço. Como consequência, a avaliação se torna um processo contínuo: como cada situação é única, dentro de um mesmo movimento o praticante pode evoluir e involuir. Ele pode compreender uma parte do movimento, estagnar em outra. E assim, a evolução se confunde com a busca pela fluidez. O *Sensei* avalia em ação, durante o

treino, parando e corrigindo. Howard Gardner é um importante pensador que nos traz novas ideias sobre as dinâmicas de avaliação:

> Em vez de ser imposta externamente em alguns momentos durante o ano, a avaliação deveria tornar-se parte do ambiente natural de aprendizagem. Tanto quanto possível, ela deveria ocorrer em movimento, como parte do engajamento natural de um indivíduo numa situação de aprendizagem. (GARDNER, 1995: p.151)

No Aikido não há uma hierarquização curricular: todos os movimentos, simples ou complexos, se intercalam no treinamento. O complexo não é o mais importante, tampouco o simples o é. Ou seja, os nós cognitivos são estudados à medida que aparecem. Isto nos leva a pensar em um *currículo em ação.* Segundo Maria Cândida Moraes,

> Um currículo em ação é flexível, respeita a capacidade do indivíduo de planejar, executar, criar e recriar conhecimento, ou seja, sua ação concreta. É algo que, mesmo levando em consideração planos e objetivos existentes, sabe a priori das possibilidades de alterá-los com base na ação individual e coletiva. Está sempre em processo, em um diálogo transformador, baseado nas peculiaridades das situações locais. (MORAES, 1997: p.148)

Em sintonia com Moraes, Teca Alencar de Brito nos traz o pensamento de Koellreutter:

> Koellreutter sempre propôs a superação do currículo fechado, que determina previamente os conteúdos a serem transmitidos, sem averiguar e avaliar criteriosamente o que realmente é importante ensinar a cada aluno, grupo, em cada contexto ou momento. Nos cursos de atualização pedagógica o professor nos orientava a ensinar "aquilo que o aluno quer saber". Mais uma vez cabe a analogia: "o caminho se faz ao caminhar". Desse modo, cabe ao educador facilitar situações para uma aprendizagem auto-dirigida, com ênfase na criatividade, em lugar da padronização, da planificação e dos currículos rígidos presentes na educação tradicional. Mais do que programas que visam a resultados precisos e imediatos, é preciso contar com princípios metodológicos que favoreçam o relacionamento entre o conhecimento (em suas diversas áreas), a sociedade, o indivíduo, estimulando, e não tolhendo, o ser criativo que habita em cada um de nós. (BRITO, 2011: p.31)

5. Conclusão

Os resultados desta pesquisa, que incorporou o Aikido como ferramenta transdisciplinar na educação musical, trouxeram dados que reforçam a necessidade de pensarmos a educação como processo. Através do estudo sensível dos fluxos de movimento via Aikido, é possível ampliar a forma como o educador musical enxerga sua prática. Trata-se de aprender a fazer uma leitura precisa de como o outro se movimenta e reagir a este movimento de forma leve, construtiva e precisa. Os estudantes do Levy se movimentavam e

agiam em constante interação com o espaço escolar, através de um repertório de atitudes e ações que traduziam desejos, vontades peculiares de ser e estar no mundo. A forma como nos movimentamos nos diz quem somos e o que esperamos dos espaços onde transitamos. O Aikido é uma ferramenta poderosa porque potencializa em nós a capacidade de entender movimento como comunicação, o que é fundamental para a prática docente. Segundo Maria Cândida Moraes,

> O fato de integrar imagens, textos, sons, animação, e mesmo de interligar informação em sequências não lineares, como as atualmente utilizadas em multimídia e hipermídia, não é garantia de boa qualidade pedagógica e de uma nova abordagem educacional. (MORAES, 1997: p.16)

Por isso, é preciso que, aliado ao uso da tecnologia musical, esteja um pensamento criativo, flexível e preparado para lidar com a realidade nos termos da fluidez, através de um olhar que incorpora a mudança, e não a afasta. Trata-se de aprendermos a nos mover no mundo, e não contra ele: isto é Aikido.

Referências

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador:* O humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2011.

CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística:* breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas:* A Teoria na Prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KATER, Carlos. Encontro com H.-J. Koellreutter. In: KATER, Carlos. *Educação Musical:* Cadernos de estudo nº 6. Belo Horizonte: Atravez/EMUFGM/FEA/FAPEMIG, 1997.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente.* Campinas: Papirus, 1997.

SAOTOME, Mitsugi. *Aikido e a harmonia da natureza.* São Paulo: Pensamento, 2005.